

## O AMOR NO BANQUETE DE DANTE

A obra *Banquete* do poeta italiano Dante Alighieri (1265 – 1321) contempla um esforço de conceder a dádiva da orientação e do conhecimento, uma iniciativa de ofertar a um coletivo (comunidade humana em sentido tanto comunitário quanto universal) princípios essenciais de virtude e sabedoria. Faz referência a outras obras de mesmo título oriundas de tradições e expoentes da sabedoria humana que visam o mesmo objetivo, estabelecendo uma ponte transcultural entre diferentes caminhos de desenvolvimento do Humano. A obra em si consiste em poesias e comentários explicativos sobre a busca pela Verdade e pela Virtude empreendidos pela humanidade. Incompleta, apresenta apenas 4 de 14 tratados em que o poeta visionava compor uma grande arquitetura filosófica que descreveria a estrutura e finalidade da evolução da Alma humana.

**“ [...] tu não estás morta, mas estás perdida, Alma nossa [...]”**

Após a morte da amada Beatriz, cuja relação em vida é descrita no pequeno texto *Vita Nuova*, o poeta busca, não sem pesar, a elevação de seu amor e caráter a esferas mais sutis e perenes, que o permitiriam uma comunhão mais completa e reveladora entre Almas em sua própria substância divina. Apresenta ao largo dessa história de amor (presente também no *Paraíso*, da *Divina Comédia*) distinções essenciais entre uma primeira instância deste amor (do qual sofre a ausência física), ligado ao desejo de união com a pessoa amada e uma segunda, ligada ao desejo de unificação com a essência divina deste amor. Entre essas duas expressões e revelações da natureza humana - uma em relação à interpessoalidade e outra em relação à essência divina - se coloca a possibilidade de evolução humana, engendrada na compreensão e exercício da Verdade e da Virtude, como fundamentos do amor em sua finalidade de aproximação com Deus.

Dante escolhe justificadamente o italiano como língua e matéria prima de expressão de suas ideias com a finalidade de se comprometer à difusão do conhecimento filosófico e exegético que descreve, para maior proveito da população gentílica. Explica o poeta que a língua vulgar, mutável e imperfeita, seria capaz de comunicar às mentes menos educadas aquilo que o latim, por seu caráter de elevada harmonia, virtude e beleza, estaria restrito a comunicar apenas para um fino estrato da sociedade, em um momento em que vislumbrou a possibilidade de um alargamento da oportunidade de evolução social e espiritual. Esta preocupação já revela a intenção do autor em assinalar a capacidade de um desenvolvimento a partir da experiência de vida orientada à busca pelo conhecimento, mais que pelo direito de nascimento ou pelo acesso a uma educação formal. A obra visa apresentar um caminho de ascensão virtuosa a partir do cotidiano e cultura mundanos que, ainda assim, são passíveis de organização moral e orientação, devido a natureza nobre da raça humana, "incutida em corações predispostos". Prezando pela acessibilidade, justifica que seu banquete deve começar antes pela depuração de máculas do pão oferecido como sua entrada, tecendo o sentido de sua intenção e escolha pelo idioma popular. Não obstante, a obra revela uma ampla formação filosófica e traz constantemente referência às estruturas de pensamento das tradições grega, latina, árabe e escolástica.

Neste contexto, Dante busca então ofertar seu banquete cuja interpretação pode se dar em quatro níveis consecutivos, de acordo com a predisposição do leitor: **literal**, explicativo e circunscrito aos

fatos narrados e seu encadeamento lógico e formal; **alegórico** “verdade oculta em bela mentira”, como uma revelação contida na metáfora na narrativa, **moral** - de finalidade útil à conduta da pessoa em seu cotidiano e compreensão de vida e relação; **anagógico** - de propósito espiritual, desvelador da natureza essencial de determinado caráter da existência em níveis de realidade e percepção extra-físicos. Se atém explicitamente aos dois primeiros sem deixar de oferecer amplo material para os dois últimos.

Através deste prisma multidimensional, descreve uma cosmologia de 10 níveis de realidade que estrutural o ambiente celestial, sendo cada nível regido por um planeta e povoado de essências/ inteligências/ ideias principais/ seres espirituais de natureza correspondente à sua hierarquia. De acordo com a leitura proposta pelo poeta, cada planeta pode ser apreendido em sua natureza literal (planeta em si), alegórica (grau de materialidade e distância em relação a Deus), moral (como ciência e grau de iniciação) e anagógica (presença dos seres espirituais implicados em cada instância).

A cosmologia é então descrita:

- 10º Céu: **Empíreo**, Deus em Si Mesmo, eterno e imutável, regido pela Ciência Divina
- 9º Céu: **Cristalino**, céu sem estrelas, transparente, regido pela Ciência Moral
- 8º Céu: **Firmamento**, céu das estrelas fixas (inclui a Terra), regido pela Ciência Física
- 7º Céu: Céu de **Saturno**, junção primeira das 3 dimensões, regido pela ciência da Astrologia:
- 6º Céu: Céu de **Júpiter**, correspondente à Geometria: Espaço
- 5º Céu: Céu de **Marte**, correspondente à Música: Ciência do Tempo
- 4º Céu: Céu do **Sol**, correspondente à Aritmética: Ciência dos Números
- 3º Céu: Céu de **Vênus**, correspondente à Retórica: Conhecimento do contexto
- 2º Céu: Céu de **Mercúrio**, corresponde à Lógica: Conhecimento da verdade
- 1º Céu: Céu da **Lua** e corresponde à Gramática: Conhecimento das formas e sua mutabilidade

“ [...] Amor, senhor veraz, eis a tua serra, faz o que te agrada [...]”

O poeta localiza na natureza e seres de Vênus a fonte da influência Divina sobre o amor humano, colocando que sua potencialidade (atividade influente de seus anjos residentes) descende sobre a mente humana assim como a causa é partícipe do efeito. Assim o amor seria a tendência de união espiritual com a coisa amada, inculcando na Alma humana (efeito) o desejo intrínseco de participar de Deus (causa). Amor é então descrito como uma expressão da natureza divina no humano, cuja potência o intelecto mais preparado pode até alcançar, mas não pode elaborar em linguagem por se tratar de uma aproximação com o inefável. Mais que um sentimento, o amor é vivido como uma potência que transporta uma natureza ativa (interrelacional, existencial, tangível e influenciável) a uma contemplativa (transpessoal, espiritual, intangível e influente). Vênus significa a potência ambivalente do Amor, entre o mundano e o angélico, telúrico e etérico.

Dessa forma, o amor à “dama gentil” se transpõe e se transfigura ao amor pela própria filosofia como meio do Humano atingir sua completude na Terra. O amor pode então ser apreendido como uma união dialógica tencionada pelo esforço entre Nobreza - Virtude em conduta, conhecimento em sabedoria - e Conhecimento - Verdade em contemplação - ambos constituintes da natureza humana em sua essência diferenciada em relação aos outros seres terrestres. A capacidade de amar está, portanto, atrelada à capacidade da Alma humana articular seu desenvolvimento em expressões correspondentes ao seu estágio a saber, adolescência, juventude, maturidade e velhice. Tais estágios também oferecem alegoricamente uma compreensão não apenas cronológica, mas de graus de amadurecimento da relação entre nobreza e conhecimento, que revelam diferentes alcances do amor em direção à unidade e presença com Deus.

Cada fase descrita contém qualidades nobres da Alma humana, pertinentes para cada fase do crescimento. Podemos entender que cada fase em si é um ciclo das quatro e, ainda, que as 4 fases estão presentes a cada momento da vida, ao mesmo tempo, a depender de quais características estão potencializadas e quais estão atualizadas.

O Banquete de Dante, como tal, oferece muito mais do que é possível absorver de uma só vez. Cada nível de interpretação agencia uma enorme constelação de considerações profundas. A obra assim apresenta, em uma narrativa detalhadamente intrincada, um grande desenho da busca da Alma pela unificação e integração a Deus através da experiência do Amor.